



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
JORNALISMO

***Cartas para o amanhã: Um podcast às futuras alunas negras e indígenas da
Universidade de Brasília - Lélia Gonzalez, Conquista, Permanência e Além-
Tempo***

Luana Gonçalves Silveira

Orientadora: Professora Dra. Dione Oliveira Moura

Brasília, 2024

SUMÁRIO

1. RESUMO.....	3
2. AGRADECIMENTOS.....	4
3. INTRODUÇÃO.....	5
3.1. O projeto e o formato de cartas.....	5
3.2. Lélia Gonzalez.....	6
3.3. Podcast.....	8
4. JUSTIFICATIVA.....	9
5. OBJETIVOS.....	10
6. METODOLOGIA.....	11
6.1. Estruturação dos episódios.....	11
6.2. Roteirização.....	12
6.3. Equipamentos e linguagem.....	13
7. REFERENCIAL TEÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO.....	14
7.1. Racismo estrutural e antirracismo.....	14
7.2. Amefricanidade e pretuguês.....	17
7.3. O cenário das cotas na Universidade de Brasília.....	18
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	20
9. APÊNDICE.....	21
1. 9.1. Roteiro do episódio 1.....	21
9.2. Roteiro do episódio 2.....	26
9.3. Roteiro do episódio 3.....	30
10. REFERÊNCIAS.....	35

RESUMO

O podcast, desenvolvido como produto final de conclusão do curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, apresenta o projeto de extensão “Cartas para o amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”, coordenado pela professora Dione Oliveira Moura. Baseado nos ensinamentos de Lélia, o projeto fomenta uma rede de apoio, acolhimento e troca de experiências para estudantes negras e indígenas na Universidade de Brasília, com o objetivo de participar ativamente na construção de um futuro em que essas mulheres ocupem cada vez mais o cenário acadêmico. O "Cartas" incentiva e promove a escrita de cartas para as futuras estudantes negras e indígenas da universidade, tais escritas compartilham experiências, incentivos, sonhos e evidenciam a ancestralidade presente na vida das escritoras e escritores. Nesse sentido, o podcast visa ser um dos braços do projeto, apresentando-o e realizando entrevistas com remetentes que contam suas experiências na universidade, sobre gênero e raça, a importância da presença de mulheres negras e indígenas no mundo acadêmico, práticas antirracistas e mais. O podcast “Cartas para o amanhã: Lélia Gonzalez, conquista, permanência e além-tempo”, utiliza como meio de comunicação a escrita e fala de pessoas que almejam um futuro que abra caminhos às mulheres negras e indígenas na Universidade. Esse produto foi desenvolvido utilizando a história oral presente nos depoimentos das(os) entrevistadas(os), por meio da pesquisa social para obter conhecimentos acerca da realidade social (Gil, 2008).

Palavras-chave: Podcast; Lélia Gonzalez; Raça; Feminismo negro; Cartas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, imensamente, às minhas e aos meus ancestrais, sem sua trajetória, amor e força, eu não seria nada. Que eu possa honrar seus passos.

Às minhas avós, avôs, mãe e pai: só cheguei até aqui por seus esforços e incentivos incansáveis, quando não acreditei em mim mesma, vocês acreditaram.

Às minhas irmãs e irmãos, vocês são parte do motivo e combustível para eu seguir todos os dias, que o mundo para vocês seja melhor do que foi para cada um de nós, que não percam a esperança, a fé e o amor, a alegria de acordar todos os dias e saberem que são capazes de tudo!

Ao meu companheiro, que está ao meu lado todos os dias, que incentiva e acredita, que é leitor e ouvinte de minhas produções: quando já não sabia mais o que fazer para aprimorar o trabalho, seus conselhos foram fundamentais para eu não parar e trabalhar para o melhor.

Às minhas amigas e amigos, essa jornada seria muito mais chata e nublada sem vocês, todos os dias aprendemos juntos, uns com os outros, agradeço pelo incentivo, pelo colo e conversas, pela palavra trocada que nos faz ir adiante, buscar mais, querer mais, aprender mais.

À Lélia e Dione, que me ensinam que a educação é transformadora e que a comunicação é a base das relações humanas. Que eu avance em minha trajetória e, assim como vocês, possa, todos os dias de minha vida, contribuir ativamente para a transformação de nossa sociedade, para abrir caminhos e mostrar para as futuras gerações que podemos, sim, transformar vidas por meio da educação e, sendo assim, que possamos seguir trabalhando para ampliar o acesso às universidades.

À Solange, Sueli, Eduardo, José Ricardo, Daniela, Clayton, Guilherme, Beatriz, Manuela, Rafael, Ryan, à tias e tios, ancestrais e Vinícius: somos parte do todo, que nossas raízes e amor se fortaleçam e espalhem, juntos somos mais!

INTRODUÇÃO

O projeto e o formato de cartas

O podcast “Cartas para o amanhã: Lélia Gonzalez, conquista, permanência e além-tempo”, surge como integrante do projeto de extensão “Cartas para o amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”. O projeto de extensão da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, tem como objetivos a construção de um acervo digital, com memórias de Lélia, ao passo que convida a comunidade acadêmica a escrever cartas para mulheres negras e indígenas, incentivando seu ingresso futuro na Universidade. Tais cartas também fazem parte do acervo, que está no seguinte endereço eletrônico: cartasparaoamanha.wixsite.com.

A escolha do formato de carta como meio principal de condução do projeto se dá em conexão com a relevância memorial de tal produto e utilização do mesmo por mulheres negras, seja como documento e fio condutor de histórias, comunicação, troca de saberes e escrevivências. Como método de escrita, a escrevivência se vale da experiência coletiva de mulheres para a construção de narrativas. O projeto “Cartas Negras” teve seu início em 1990 a partir de trocas entre as escritoras Esmeralda Ribeiro, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Lia Vieira, Miriam Alves e Sônia Fátima da Conceição, que por meio de cartas discutiam projetos de vida e literatura.

Disseram que as cartas seriam uma teia, ponte, terra, semente, caminho, abertura de si, trocas de experiências, de vivências, abrigo, união, encontro de águas, cumplicidade e companheirismo, roda, ciranda, necessidade, sonho, desejo, rede, travessia, atravessamento, lugar de fala e de escuta, da memória, insistência, etc. Tratarão de heranças e legados. OCUPAÇÃO CONCEIÇÃO EVARISTO, São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

Assim, além de convites que podem acontecer de forma remota, o projeto “Cartas para o amanhã”, tem organizado oficinas presenciais de escrita de cartas, reunindo a comunidade acadêmica no âmbito da UnB - e convidados “além dos muros” da Universidade para se reunirem em troca, tais encontros ocorreram no ano de 2022 e 2023 na Faculdade de Comunicação da UnB.

Ainda, entende-se o formato de carta como documento, capaz de atravessar a história e afirmar as vivências de mulheres amefricanas, tal como no caso de Esperança Garcia, mulher negra escravizada reconhecida como a primeira advogada do Brasil por meio de uma carta assinada pela mesma e datada de 6 de setembro de 1770. Na carta, Esperança denuncia a situação de violência em que ela e outras mulheres viviam na Fazenda de Algodões, localizada onde hoje é a cidade de Nazaré (PI) e, onde posteriormente haveria o Quilombo de Algodões, comunidade que chegou a reunir 53 famílias. Segundo reportagem de Vitória Pilar para a Revista Piauí (2023), moradores estimam que o lugar tenha mais de 200 anos, e a Fazenda de Algodões era a propriedade com a maior quantidade de pessoas escravizadas na região. Por meio da carta, Esperança também recorreu ao direito garantido por lei de sua filha ser batizada por missionários:

Sem formação específica, Esperança escreveu um documento com elementos básicos de uma petição jurídica, contendo endereço, identificação, narrativa dos fatos, fundamento no direito vigente e um pedido. Ao recorrer a regras jurídicas dos colonizadores, que concediam aos escravizados a possibilidade de constituir famílias e o batismo dos filhos nos preceitos católicos, ela evoca seus direitos enquanto religiosa. PILAR, Vitória. Revista Piauí, 2023.

Atualmente, a carta de Esperança Garcia marca o Dia Estadual da Consciência Negra no estado do Piauí.

Lélia Gonzalez

Lélia de Almeida Gonzalez nasceu em Belo Horizonte - MG em 1935, filha de Orcinda Serafim d'Almeida, mulher indígena que exercia a profissão de empregada doméstica, e de Accacio Serafim d'Almeida, homem negro que exercia a profissão de ferroviário, Lélia tinha 17 irmãos, entre eles, Jaime de Almeida, jogador de futebol que recebeu a oportunidade de entrar para um clube no Rio de Janeiro. Assim, Lélia com então 7 anos de idade, se mudou com a família para o Rio de Janeiro, onde passaria sua vida. Ela pôde concluir seu ensino no Colégio Pedro II, instituição de ensino pública tradicional na cidade, o que proporcionou seu ingresso na Universidade Estadual do

Guanabara, atual Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde se graduou em História e Geografia e, posteriormente, em Filosofia. Foi professora do ensino médio da rede pública e fez mestrado em Comunicação Social, no doutorado obteve especialização em antropologia política e social, com pesquisas sobre raça e gênero. Assim, tornou-se professora do ensino superior, lecionando na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde chegou a chefiar o departamento de Sociologia e Política.

Lélia é pioneira, participou da fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), do Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga e do Olodum. No universo acadêmico, Lélia conhece Luiz Carlos Gonzalez, por quem se apaixonou e se casou. Homem branco, Lélia descreve seu relacionamento com ele com amor e cumplicidade, já com a família dele, a intelectual relata o racismo sofrido, foi rejeitada: “No Brasil é aceitável que um homem branco tenha um caso com uma mulher negra, mas casamento é outro assunto. Quando eles descobriram que nos casamos, ficaram furiosos. Me chamaram de preta suja. Era isso que eu tinha me tornado aos olhos deles, apesar da minha educação, apesar da minha posição” (Lélia, 2020). Sua vida se transformou após a morte do marido, que se suicidou após quase um ano de casamento, Lélia carregou seu sobrenome, Gonzalez, como forma de resistência ao racismo sofrido e para honrá-lo. Apesar de não ter tido filhos biológicos, Lélia adotou Rubens Rufino, filho de sua irmã, Rubens é o responsável por datilografar sua obra: artigos, manifestos, cartas e palestras. Idealizador de “Lélia Gonzalez Vive”, projeto que busca preservar sua memória e produções, Rubens entende que sua “grande missão” é desenvolver o Instituto Memorial Lélia Gonzalez, para manter esse legado vivo: “Difundir e manter o legado dela, falar da Lélia de Almeida, a Lélia da família e a Lélia Gonzalez, a ativista, que a grande maioria das pessoas conhece, a intelectual, a cientista social. Mas, com a Lélia de Almeida, foram poucas as pessoas que tiveram a oportunidade de conviver intimamente, né?”, disse Rufino em entrevista à Castro e Moreira (2021). Atualmente, Rubens mora em Brasília - DF, e será um dos próximos entrevistados no podcast objeto desta memória, já foi estabelecido contato com ele, que aceitou o convite para escrever uma carta para o amanhã e conceder entrevista para o podcast.

Quanto ao seu legado de pesquisa-ativa, estudos e ensinamentos, Lélia é referência fundamental nas temáticas de raça, gênero e classe no Brasil, entendendo que essas pesquisas devem se dar de maneira interseccional, considerando que a mulher negra sofre um processo triplo de discriminação, e que o movimento feminista eurocentrico não inclui a mulher negra. Pensando nisso, Gonzalez cunhou a categoria político-cultural da Amefricanidade, que considera a história e culturas negra e dos povos originários das Américas como fundamental para o resgate e fortalecimento dessas identidades e tradições. Detalho sobre esse termo e sobre a linguagem híbrida que Lélia utilizava para se comunicar, o “pretuguês”, no referencial teórico/contextualização deste memorial.

Podcast

LUIZ e ASSIS (2010) explicam que o termo “podcasting” vem da junção do prefixo “pod”, oriundo de “iPod” - aparelho portátil da empresa estadunidense Apple, que reproduz mídias em formato de áudio, com o sufixo “casting”, originado da expressão “broadcasting”, um método de transmissão pública e massiva de arquivos de áudio e vídeo feita por meio da *internet*. Antes do surgimento do podcast, o consumo de arquivos de áudio disponibilizados *online*, só poderia ser realizado após o *download* dos arquivos, onde o(a) consumidor(a) transfere o arquivo para seu dispositivo (computador/celular, etc). O podcast fica disponível na rede, podendo ser reproduzido de maneira facilitada, além de permitir que qualquer pessoa se torne uma receptora e emissora desse conteúdo, o que torna sua difusão mais democrática.

Assim, considerando essa facilidade do formato, e a intenção de divulgação do projeto “Cartas para o Amanhã”, que se baseia, fundamentalmente, nas cartas escritas e recebidas, entendeu-se que a leitura de trechos das cartas, assim como as entrevistas realizadas com seus remetentes por meio do podcast, seria mais um formato de divulgação e expansão do projeto de extensão que norteia este produto. Além disso, também foram considerados dados de consumo desse formato no país. Segundo dados da pesquisa YouGov, de 2024, o Brasil se destaca no consumo de podcast na América Latina, tendo 44% de sua população consumidora regular de podcasts. Ainda, segundo pesquisa do Spotify de 2023, de 2022 para o ano da pesquisa houve

um aumento de 80% no consumo de podcasts pertencentes À categoria “Educação” na plataforma digital, também, se apontaram tendências nesse consumo como: o interesse dos(as) ouvintes por abordagens intimistas nos podcasts, de forma que estabelecem maior conexão entre locutor(a) e ouvinte, por meio do compartilhamento de histórias pessoais, conselhos e “instruções”, levando os programas à narrativas de reflexão e autoconhecimento.

Outra tendência apontada pela pesquisa, é o consumo de programas que contam com histórias autênticas, que exploram pessoas “comuns”, não famosas, contando seus relatos de vida e sobre seu cotidiano. Esses formatos têm impulsionado a audiência, o que deve proporcionar o sucesso de nosso produto, que trata desses aspectos sociais. Por fim, segundo a pesquisa Ibope, de 2020, o formato de podcast preferido dos(as) entrevistados(as) foi o de entrevistas, com 55% de preferência, enquanto que 39% preferem o formato de narrativas e histórias reais. Nessa pesquisa, há relatos de ouvintes que se sentem atraídos por esses formatos por acreditarem estar fazendo “parte da conversa”: “Parece que estou dentro da conversa que estou ouvindo... Às vezes, até falo sozinha, rio sozinha... Tem uma explosão de pensamentos, começo a imaginar tudo. Tira a solidão, parece que tem alguém ali conversando com você” - relatou uma entrevistada pelo Ibope.

JUSTIFICATIVA

O podcast “Cartas para o amanhã: de Lélia Gonzalez ao futuro” se conecta com minha trajetória acadêmica e de reconhecimento como mulher negra. Os aprendizados que a vida na Universidade de Brasília (UnB) me trouxe foram fundamentais para minha formação como pessoa até o presente momento.

Pude desfrutar de uma experiência imersiva na Universidade durante esses anos, desde a decisão de me mudar para Brasília - por ter passado no Sisu-Enem em uma universidade que poderia me oferecer condições de viver, mesmo distante de meus familiares em uma cidade desconhecida, até o convívio diário com colegas (que se tornaram companheiras e companheiros) vivendo em condições socioeconômicas semelhantes à minha, e que são em sua maioria pessoas negras.

O reconhecimento de minha identidade racial surgiu junto a esses companheiros e ao aprendizado acadêmico, além dos ensinamentos de professoras e professores que foram essenciais ao meu aprendizado. Durante essa produção, pude identificar nas referências que utilizo a conexão que existe quando Lélia Gonzalez escreve sobre a ancestralidade e a vivência de mulheres afro-latinas-americanas à experiência vivida e observada em minha família, círculo social e em mim mesma. Assim, este produto permeia essas relações pessoais com histórias que pude compartilhar estando envolvida com o projeto de extensão “Cartas para o Amanhã”.

O podcast surge como forma de divulgação e compartilhamento do projeto de extensão, entendendo a importância e alcance atual do formato de mídia que se estabeleceu durante a pandemia de Covid-19. Sendo um conector de nosso aprendizado com “Cartas” para a sociedade, imprime-se nesse podcast a intenção de impulsionar a iniciativa de conexão entre nós, acadêmicas e acadêmicos da Universidade de Brasília, com essas mulheres negras e indígenas, futuras universitárias, e com todas as pessoas que queiram fazer parte de um futuro transformador e inclusivo, para que possamos agir e produzir em conjunto com uma sociedade menos racista.

OBJETIVOS

O podcast “Cartas para o Amanhã - Lélia Gonzalez, Conquista, Permanência e Além-Tempo”, objetiva ser um meio de divulgação e expansão do projeto de extensão da Faculdade de Comunicação da UnB, “Cartas para o Amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”, ministrado pela professora Dione Oliveira Moura. Por meio do podcast, pretende-se divulgar as cartas para o amanhã já recebidas pelo projeto de extensão, assim como realizar entrevistas com as(os) remetentes das cartas, de forma a proporcionar para o público ouvinte saber mais sobre as histórias dessas pessoas, suas trajetórias pessoais, acadêmicas e profissionais, seus anseios e desejos para a construção de um futuro que abra caminhos às jovens negras e indígenas.

Assim como o projeto de extensão, o podcast busca inspirar a sociedade a participar e se envolver ativamente na construção desse futuro, adotando práticas antirracistas em todos os âmbitos da sociedade, promovendo o encontro dessas jovens com as trajetórias e narrativas que elas buscam para si. Por meio da divulgação do projeto de

extensão e das cartas já recebidas, convidamos a(o) ouvinte à também enviar a sua carta, por meio dos relatos das(os) remetentes, entendemos que o viver acadêmico também se desmistifica para aquelas que serão as primeiras de suas famílias a entrar na Universidade.

A narrativa do podcast se dá por meio de episódios “cápsulas”, de média e curta duração, com linguagem coloquial, para atingir todos os públicos e levar as histórias e ensinamentos das(os) entrevistadas(os) de forma descomplicada, assim como Lélia se comunicava.

METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do produto, foi utilizada revisão e análise da literatura da bibliografia, que trata de assuntos como racismo e antirracismo, gênero, feminismo negro, estudos sobre o formato podcast, o gênero de carta, entre outros assuntos que embasam a construção deste podcast. Esta bibliografia guiou a estruturação das entrevistas com os convidados.

Entende-se este produto como uma pesquisa exploratória, que tem como principal finalidade desenvolver, elucidar e modificar conceitos e ideias, envolvendo pesquisa bibliográfica e documental, por meio de entrevistas não padronizadas e estudos de caso, objetivando, também, proporcionar uma perspectiva geral, por meio da aproximação, acerca de determinado fato (GIL, 2008). Nesse sentido, este produto trata sobre a posição de mulheres negras e indígenas na sociedade brasileira, mais especificamente, sua inserção na educação superior pública, partindo da ótica do racismo que às acomete e influencia sua jornada acadêmica.

Estruturação dos episódios

Cada episódio do podcast “Cartas para o Amanhã”, traz uma entrevista com um(a) convidado(a) que conta sobre sua conexão com Lélia Gonzalez e seu pensamento, perspectivas pessoais sobre raça e gênero, trajetória acadêmica e profissional, além de desejos para um futuro justo para as mulheres negras e indígenas. Tais entrevistas foram formuladas com o objetivo de obter relatos que interessam à pesquisa exploratória, “enquanto técnica de coleta de dados, a entrevista é bastante adequada

para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SELLTIZ, 1967, p. 273).

Assim, foram feitas entrevistas com lista de perguntas estruturadas, em ordem e redação, que foram realizadas com as(os) entrevistadas(os) por meio do aplicativo digital de comunicação, *WhatsApp*, meio escolhido para facilitar o contato entre entrevistadora e entrevistadas(os), além de possuir o recurso de gravação de áudios, os quais foram utilizados no podcast. O uso deste aplicativo, também permitiu a realização de entrevistas independentes do espaço-tempo, considerando que houveram entrevistadas(os) de outros estados do país, e de tempo, pois à partir do contato estabelecido e das perguntas enviadas, a(o) entrevistada(o) pôde ter maior liberdade para responder e enviar seus áudios de resposta.

A qualidade de áudio do *WhatsApp* também foi levada em consideração em relação às entrevistas realizadas por ligação telefônica, que podem sofrer com perda de sinal durante a chamada, o que prejudicaria o conteúdo. Ademais, esse formato também facilitou a decupagem das entrevistas. Os roteiros dos episódios, que contêm as entrevistas, estão disponíveis no apêndice deste memorial.

Roteirização

Após recebimento das respostas, foram estruturados os roteiros, de forma que o primeiro episódio oferece um panorama geral sobre o projeto de extensão “Cartas para o Amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”, desenvolvido pela professora da Faculdade de Comunicação (FAC) da UnB, Dione Oliveira Moura. Esse episódio também trata sobre Lélia, sobre o processo de cotas na Universidade de Brasília, e apresenta entrevista com Dione. No segundo episódio, é apresentada a história e entrevista com o professor e jornalista Eduardo Meditsch, homem branco que atuou na FAC/UnB e enviou uma carta para o projeto de extensão que guia este produto. Esse segundo episódio trata sobre o antirracismo e o papel de homens brancos nessa luta. Já o terceiro episódio traz entrevista com a ex-aluna da FAC/UnB, Catarine Torres, mulher negra que participou da construção do projeto de extensão, e dá seu

depoimento sobre sua conquista, de ter entrado na Universidade, sua trajetória acadêmica, conflitos de permanência e desejos além-tempo para a futura geração de alunas negras e indígenas.

Além das entrevistas, cada episódio é guiado por um trecho de Lélia, escolhido para reger o contexto do episódio. Ainda, no segundo e terceiro episódios são lidos trechos das cartas enviadas pelas(os) entrevistadas(os) para o projeto.

Equipamentos e linguagem

A gravação da locução dos episódios foi realizada pelo gravador de voz “Zoom”, aparelho de alta qualidade, próprio para esse tipo de uso, já a edição dos episódios se deu por meio da aplicação “Veed”. Os episódios têm uma duração média de 13 minutos, pensados no formato de conteúdo em “cápsulas”, de curta à média duração, para melhor aceitação do público ouvinte. Assim, o podcast “Cartas para o Amanhã - Lélia Gonzalez, Conquista, Permanência e Além-Tempo”, objetiva expandir o acesso e conhecimento acerca do projeto de extensão “Cartas para o Amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”, convidando a sociedade à escrever cartas para futuras alunas negras e indígenas das Universidades públicas brasileiras, apresentando depoimentos, histórias de vida e experiências das pessoas que já conhecem e contribuem para o projeto, com foco na construção e visualização de um futuro mais justo para essas mulheres. Dessa maneira, a linguagem do podcast é coloquial, pensada para ser acessível a todas e todos, assim como Lélia se comunicou, de forma descomplicada, para seu melhor entendimento.

Ademais, os episódios já produzidos serão disponibilizados para futura publicação do podcast nas plataformas de distribuição: Google Podcasts, Soundcloud, Deezer e Spotify, e sua divulgação se dará por meio da página no *Instagram* do projeto “Cartas para o Amanhã - Inspirações em Lélia Gonzalez”.

REFERENCIAL TEÓRICO E CONTEXTUALIZAÇÃO

Previamente ao estudo, obras como “Por um feminismo afro-latino-americano”, de Lélia Gonzalez, “Tornar-se negro”, de Neusa Santos, “Mulheres, raça e classe” -

Angela Davis, “Pele negra, máscaras brancas” de Fanon, “Racismo estrutural” de Silvio Almeida e “Pequeno Manual Antirracista” de Djamila Ribeiro são guia para o entendimento sobre racismo estrutural e antirracismo.

Racismo estrutural e antirracismo

Partindo do conceito de racismo estrutural, dissecado por Almeida em seu livro de título homônimo ao do conceito, publicado em 2018, o autor “parte do princípio de que o racismo é sempre estrutural - integra a organização econômica e política da sociedade de forma inescapável” - é o que pontua Djamila Ribeiro na apresentação da obra.

Assim, ao longo de sua teoria, podemos compreender que o racismo é uma forma de discriminação racial, que ocorre constantemente e se manifesta por meio de diversas práticas - individuais, institucionais e estruturais, conscientes ou inconscientes e que, segundo Almeida (2018), “culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial a qual pertençam”.

Dessa forma, o autor afirma sobre o racismo estrutural propagado pelas instituições:

Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente - com todos os conflitos que lhe são inerentes -, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. ALMEIDA (2018)

Em relação à temática deste produto, podemos incluir a Universidade como uma instituição que também reproduz o racismo, desde o processo seletivo para o ingresso de alunos, assim como o número de professores negros e indígenas, passando pela integração desses alunos após seu ingresso, até as políticas de assistência estudantil e, para além, na construção do saber, na escolha de autores predominantemente brancos e brancas como referências acadêmicas.

Entretanto, Almeida pontua que, apesar do “[...] uso do termo “estrutura”, não significa que o racismo seja uma condição incontornável e que ações políticas institucionais antirracistas sejam inúteis”.

No capítulo “Racismo, ideologia e estrutura social”, o autor penetra seu discurso no argumento sobre como a mídia é responsável pela construção do imaginário social acerca das pessoas negras, afirmando que os meios de comunicação reforçam o racismo.

Após anos vendo telenovelas brasileiras, um individuo vai acabar se convencendo de que as mulheres negras tem uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingenuas. [...] O que nos é apresentado não é a realidade, apesar de que, de fato, a maioria das domésticas são negras, e a maior parte das pessoas encarceradas é negra, ainda, o que os meios de comunicação apresentam é uma representação do imaginário social acerca de pessoas negras. ALMEIDA 2018

Ainda, o autor reforça que a representação da mídia não poderia se sustentar sem um sistema de justiça seletivo, que criminaliza a pobreza e a população negra. Veja que, tal argumento traz duas formas de racismo institucional: o midiático e o do sistema de justiça, que exprimem a questão estrutural.

Para Almeida (2018), “além de medidas que coíbam o racismo individual e institucionalmente, torna-se imperativo refletir sobre mudanças profundas nas relações sociais, políticas e econômicas. [...] A mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”.

Em seu livro, “Pequeno Manual Antirracista” (2019), Djamila Ribeiro explicita que o silêncio, perante ao racismo, torna o individuo ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo, conscientes de que o racismo é parte da estrutura social, e para que, possamos transformar a sociedade, não podemos apenas denunciar ou repudiar o racismo, dependemos da adoção de práticas antirracistas, pois a inércia contribui para a perpetuação da opressão. Assim, entende-se o antirracismo como uma luta de todos e todas e, para isso, a população deve estar informada sobre o racismo, pois reconhecê-lo é a melhor forma de combatê-lo.

O autoquestionamento, fazer perguntas, entender seu lugar e duvidar do que parece "natural" é a primeira medida para evitar reproduzir esse tipo de violência, que privilegia uns e oprime outros. RIBEIRO, 2019

Nessa obra, Ribeiro estabelece tópicos para o trilhar da prática antirracista, dentre eles, o ato de “enxergar a negritude”, para exemplificar, a autora traz Abdias do Nascimento e seu Teatro Experimental do Negro como referências. Com essa iniciativa, Abdias buscava valorizar a cultura afro-brasileira por meio da arte, priorizando sua personalidade como meio de combate ao racismo. Assim como Lélia, ao pesquisar, manifestar e incentivar a cultura negra em seus diversos âmbitos.

Outro tópico que Djamila coloca como parte do trajeto da prática antirracista é o reconhecimento dos privilégios da branquitude, assim, a autora implica que as pessoas brancas devem refletir sobre sua posição, seu lugar, de maneira com que possam entender os privilégios que acompanham sua cor, para que esses privilégios não sejam naturalizados ou considerados “esforço próprio”.

Ademais: “Todos devem questionar a ausência de pessoas negras em posições de gerência, autores negros em antologias, pensadores negros na bibliografia de cursos universitários, protagonistas negros no audiovisual. E, para além disso, é preciso pensar em ações que mudem essa realidade” (Ribeiro, 2019).

Outros tópicos no “passo a passo” do antirracismo são: perceber o racismo internalizado em você, pois considerando que fomos criados(as) em uma sociedade racista, é impossível não sê-lo, para isso, devemos lutar todos os dias, como quando ouvimos uma piada racista e nos silenciemos ao invés de repreendê-la. Devemos nos informar sobre as políticas educacionais antirracistas e apoiá-las; transformar nosso ambiente profissional com essas práticas; ler autoras e autores negros. Sueli Carneiro (2005) define como epistemicídio a negação aos negros de sua condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do continente africano e da diáspora ao patrimônio cultural da humanidade.

Devemos questionar a cultura que consumimos e combater a violência racial, devemos ser promotores e fomentar as iniciativas de combate ao racismo, para o hoje

e para o amanhã, devemos, todas e todos, ser antirracistas. Assim, compreende-se o podcast “Cartas para o Amanhã”, como uma prática antirracista.

Amefricanidade e pretuguês

Gonzalez entende a América Latina como herdeira histórica das ideologias de classificação social, de raça e gênero, assim como das técnicas jurídicas e administrativas das metrópoles ibéricas (1988). Para Lélia, vivemos uma exploração de raça, gênero e classe, dessa forma, devemos pensar e produzir conhecimento a partir e para os excluídos e marginalizados.

Assim, a intelectual cunhou o termo Amefricanidade (América + África), que surge no entendimento da diáspora negra e do extermínio das populações indígenas nas Américas. Nesse conceito, há a intenção de resgatar as histórias de resistências constituídas no âmbito de violência e de poder da colonialidade (Oliveira, 2023).

Sendo assim, devemos construir estratégias de resistência cultural em nossos meios, tal qual Gonzalez desenvolveu o pretuguês. Considerando que as estratégias de poder e dominação ocorrem também pela linguagem, o pretuguês, que é uma fusão do sistema linguístico do colonizador com o do colonizado, pode ser caracterizado como resistência das línguas africanas em nossa sociedade brasileira. Então, essa linguagem híbrida, mistura o português com elementos de línguas indígenas e africanas, como uma “tentativa política de evidenciar o preconceito racial existente na própria definição da língua materna brasileira” (Cardoso, 2014).

“É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é *Framengo*. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse *r* no lugar do *l* nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o *l* inexistente. Afinal quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os erros dos infinitivos verbais, que condensa *você* em *cê*, o *está* em *tá* e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês.” Gonzalez, 1988.

Inspiradas(os) em Lélia, devemos utilizar a cultura negra como uma grande influenciadora para o resgate e fortalecimento das identidades e tradições afro-brasileiras. Da mesma forma, a autora entende que o feminismo latino-americano perde força ao abstrair o caráter multirracial e pluricultural das sociedades dessa

região, considerando a interseccionalidade das opressões sofridas por essas populações, desconstruindo os discursos eurocêntricos e valorizando as epistemologias e culturas dos povos originários e africanos.

O cenário das cotas na Universidade de Brasília

Ademais, considera-se que este produto nasce em uma Universidade pioneira no desenvolvimento e aplicação de políticas afirmativas raciais no Brasil. A Universidade de Brasília (UnB), aprovou as cotas raciais em 2003, processo do qual a professora Dione Moura participou como relatora do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Cepe) da Universidade. O Plano de Metas para Integração Social, Étnica e Racial – foi aprovado pelo Cepe em 6 de junho de 2003, e em 2004, houve o primeiro vestibular com vagas exclusivas para negros e indígenas.

O programa da UnB destina 5% das vagas na graduação para estudantes negros e 5% para indígenas, enquanto que, em 2020 isso foi estabelecido também para a pós-graduação. Desde 2004 já ingressaram mais de 38 mil alunos na Universidade pela cota racial. A Lei de Cotas foi aprovada no Brasil somente em 2012, sancionada pela Lei nº 12.711, chamada de Lei de Cotas para o Ensino Superior.

Segundo a Agência Brasil, a política afirmativa da UnB previa que 20% das vagas de graduação seriam destinadas a candidatos negros. Após a Lei de Cotas, de 2012, a instituição destina 50% para estudantes de escolas públicas, com base nos critérios de renda e raça, e mantém 5% das vagas exclusivas para negros. Além disso, a Universidade também estabeleceu comissões de heteroidentificação para o ingresso nos cursos de graduação e pós-graduação, e o Comitê Permanente de Acompanhamento das Políticas de Ação Afirmativa, e também ampliou os programas de assistência estudantil, auxílios e bolsas acadêmicas.

Dados da Secretaria de Comunicação da UnB, apontam que no primeiro semestre de 2003, negros e indígenas representavam 4,3% do total de alunos na Universidade, enquanto em 2019, a população do mesmo grupo correspondia a 48%. No primeiro vestibular, em 2004, ingressaram 388 estudantes pelo sistema de cotas. Já em 2022, foram 10.094 discentes.

Ademais, desde o último ano, o cenário nacional conta com a Lei nº 14.723/23, que atualiza a Lei de Cotas no ensino federal superior e técnico. Essa lei reduz o valor da renda familiar para a reserva de vagas e inclui estudantes quilombolas. Também, pela legislação anterior, o(a) cotista concorria apenas às vagas destinadas às cotas, mesmo tendo pontuação na ampla concorrência de vagas, agora, primeiro são observadas as notas na ampla concorrência e, posteriormente, as vagas reservadas para as cotas. Essa medida aumenta as chances de ingresso de estudantes cotistas.

Sobre o valor do teto da renda familiar para estudantes cotistas por meio do perfil socioeconômico, anteriormente o valor exigido para concorrer às vagas nesta modalidade era de um salário mínimo e meio por pessoa da família, agora, esse valor passa a ser de um salário mínimo. Também, foram incluídos estudantes quilombolas na legislação, do mesmo modo que já eram incluídos estudantes pretos, indígenas, pardos e pessoas com deficiência, além de prioridade para esses estudantes no recebimento do auxílio estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este produto, desenvolvido no formato de podcast, visa a capacidade de mobilização do público online e disseminação da mensagem por esse meio que está em contínuo crescimento no país. O público de podcasts se mostra ativo na recepção e interação com o conteúdo. Assim, o “Cartas para o Amanhã” objetiva ultrapassar as barreiras de tempo e espaço para ser disseminado como uma ferramenta de conteúdo antirracista, com cartas, histórias de vida, ensinamentos, anseios e esperanças dedicadas à futuras jovens negras e indígenas, de forma a comunicar independentemente, também, de localizações geográficas.

Considerando a facilidade e barateamento da produção e compartilhamento desse conteúdo, pretende-se que ele alcance e auxilie seus ouvintes na busca por inspirações como Lélia Gonzalez, de ensinamentos sobre educação, acerca das temáticas de raça, gênero e classe, trajetórias de vida inspiradoras que chegam ao público através de técnicas jornalísticas de entrevistas e contação de histórias. Busca-se o debate social, para que o produto seja propagador de conhecimento sobre o universo acadêmico e, ao mesmo tempo, o desmistifique, a partir do pensamento de

intelectuais negras e indígenas, tornando-se, também, uma ferramenta de ensino, a partir da incitação à análise crítica.

Como mulher negra, percebo a importância de tais narrativas para as jovens, o produto inspira e instiga a mudança de vida por meio da educação. Sabemos bem que o ingresso e a trajetória não são fáceis, porém, nossas sementes foram plantadas e nosso caminhar indica a luta incansável para o desenvolvimento de um futuro com mais equidade.

Indica-se, aqui, a continuidade do produto, que deverá ser publicado nas plataformas de compartilhamento de podcasts, de forma gratuita, e prevê, para os próximos episódios, um pouco de minha história como estudante, relatos de outras(os) colegas que participaram e participam ativamente do projeto de extensão “Cartas para o Amanhã, Inspirações em Lélia Gonzalez”, além de um episódio com o filho de Lélia, Rubens Rufino, com o qual já foi estabelecido contato para a realização do episódio.

APÊNDICE

Roteiro episódio 1: Cartas para o Amanhã - Escrever o Futuro e Rememorar O Passado

Locutora: SAUDAÇÕES ÀS ÁGUAS, ORIGEM DE TODAS E TODOS NÓS, E A CADA UM QUE RECEBERÁ ESSAS CARTAS

Locutora: AQUI É LUANA GONÇALVES SILVEIRA E ESSE É O PRIMEIRO EPISÓDIO DO CARTAS PARA O AMANHÃ - LÉLIA GONZALEZ, CONQUISTA, PERMANÊNCIA E ALÉM TEMPO.

Locutora: O PODCAST CARTAS PARA O AMANHÃ, SURGE A PARTIR DE UM PROJETO DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CHAMADO CARTAS PARA O AMANHÃ - INSPIRAÇÕES EM LÉLIA GONZALEZ.

Locutora: O CARTAS VEM POR MEIO DA PROFESSORA DIONE OLIVEIRA MOURA, MULHER NEGRA, JORNALISTA, RELATORA DO PROJETO DE COTAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

Locutora: ESSE PROJETO, SAÚDA LÉLIA E ALMEJA, COM SEUS PENSAMENTOS E AÇÕES, PODER VISUALIZAR E CONSTRUIR UM FUTURO QUE GARANTA OS LUGARES DAS MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS DO SUL GLOBAL NA SOCIEDADE.

Locutora: ENTÃO, PARA ABRIRMOS ESSE PRIMEIRO EPISÓDIO, SEGUE UMA PARTE DE LÉLIA:

Locutora: "ESTAMOS CANSADOS DE SABER QUE NEM NA ESCOLA, NEM NOS LIVROS ONDE MANDAM A GENTE ESTUDAR, NÃO SE FALA DA CONTRIBUIÇÃO DAS CLASSES POPULARES, DA MULHER, DO NEGRO DO INDIGENA NA NOSSA FORMAÇÃO HISTÓRICA E CULTURAL."

Locutora: ESSE TRECHO FOI ESCRITO POR LÉLIA NA REVISTA MULHERIO EM 1982.

Locutora: MAS QUEM É LÉLIA DE ALMEIDA GONZALEZ?

Locutora: A LÉLIA É ANCESTRAL, PERMEIA NOSSOS CAMINHOS COMO MULHERES LATINO-AMERICANAS, AMEFRICANAS.

Locutora: PROFESSORA, ANTROPÓLOGA, FILOSOFA E PIONEIRA DO MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL, SEUS ESTUDOS E ENSINAMENTOS TRATAM SOBRE RAÇA, GÊNERO E CLASSE.

Locutora: GUIADA POR LÉLIA, A PROFESSORA DIONE CONSTRUIU O CARTAS, UM PROJETO QUE SAÚDA E REMEMORA A AUTORA.

Locutora: LOGO, ESSE PROJETO FOI CRESCENDO, E SEGUE FLORESCENDO, COMO UMA REDE DE TROCAS DE EXPERIÊNCIAS E ACOLHIMENTO DENTRO DA COMUNIDADE QUE ALIMENTA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, ESTUDANTES, PROFESSORES E TODAS E TODOS AQUELES QUE SE EMPENHAM NA CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO MELHOR.

Locutora: QUE AS FUTURAS ALUNAS NEGRAS E INDÍGENAS DA UNB SE SINTAM MAIS PERTENCENTES DO QUE NÓS, QUANDO ENTRAMOS, DO QUE NOSSAS ANCESTRAIS, QUANDO TIRARAM SUA OPORTUNIDADE DE ENTRAR. QUE NOSSOS ESPAÇOS SE ENGRANDEÇAM, E QUE NOSSAS IDEIAS SE ESPALHEM

Locutora: É COM ESSE PENSAMENTO, MESCLANDO PASSADO, FUTURO E PRESENTE, COM LÉLIA E DIONE COMO GUIAS, QUE DESENHAMOS UM FUTURO MELHOR, LEVANDO NOSSOS CONHECIMENTOS PARA TODAS E TODOS, NESSE CASO, POR MEIO DE CARTAS.

Locutora: ESSE PROJETO SURGE EM 2020, EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19, ENQUANTO A UNIVERSIDADE PASSAVA, PELA PRIMEIRA VEZ, POR UM PERÍODO EM QUE TODAS AS AULAS FORAM MINISTRADAS PELOS MEIOS DIGITAIS.

Locutora: EM 2022, A UNB COMPLETARIA 60 ANOS, UM MARCO PRA ESSA UNIVERSIDADE PERMEADA DE MOMENTOS HISTÓRICOS.

Locutora: A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA SURGE APÓS 2 ANOS DA INAUGURAÇÃO DA CIDADE, IDEALIZADA POR DARCY RIBEIRO, NOTÓRIO ANTROPÓLOGO BRASILEIRO, REVOLUCIONÁRIO NOS ESTUDOS DA IDENTIDADE LATINO-AMERICANA, A UNB NASCE BRASILEIRA, COM UM POUCO DE CADA REGIÃO DO PAÍS, À ESPELHO DA PRÓPRIA CIDADE, NASCE DA MÃE DEMOCRACIA.

Locutora: POUCOS ANOS APÓS SUA INAUGURAÇÃO, A UNB PASSOU PELA DITADURA DE PERTO. LOCALIZADA NO CENTRO DE BRASÍLIA, FOI INVADIDA POR MILITARES, DEVASTADA, PERDEU ALUNOS E PROFESSORES.

Locutora: VIVA HONESTINO GUIMARÃES! ESTUDANTE ASSASSINADO PELA DITADURA MILITAR.

[som - fala de Darcy sobre a unb] <https://www.youtube.com/watch?v=uTyq7k6TXnl>

Locutora: JÁ EM 2004, APÓS MUITA LUTA DENTRO E FORA DA UNIVERSIDADE, A UNB FOI A PRIMEIRA DO PAÍS A ADOTAR AS COTAS RACIAIS, QUE SÓ SERIAM ESTABELECIDAS NACIONALMENTE PELA LEI DE COTAS, APROVADA EM 2012.

Locutora: HOJE, A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA OCUPA O 3º LUGAR ENTRE AS MELHORES UNIVERSIDADES FEDERAIS DO BRASIL, E O CARTAS PARA O AMANHÃ A CELEBRA, LEMBRA SEU PASSADO, ESCREVE SEU PRESENTE E CONSTRÓI SEU FUTURO.

Locutora: COM ESSE PENSAMENTO, JUNTAMOS A COMUNIDADE QUE FORMA A UNB COM UM OBJETIVO: ESCREVER CARTAS PARA OS PRÓXIMOS 60 ANOS, PARA AS FUTURAS ALUNAS NEGRAS E INDÍGENAS DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, A QUEM DEDICAMOS ESSAS CARTAS.

[som - fala de Lélia]

<https://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8&t=257s> 8:30m a 9:01m

Locutora: ESSA É UMA ENTREVISTA QUE LÉLIA DEU À MALI GARCIA, PARA O DOCUMENTÁRIO “AS DIVAS NEGRAS DO CINEMA BRASILEIRO”, E ESTÁ DISPONÍVEL NO YOUTUBE, NO CANAL DA CULTNE - CULTURA NEGRA DESPERTA, UM ENORME ACERVO DIGITAL DE CULTURA NEGRA DA AMÉRICA LATINA.

Locutora: POR MEIO DE OFICINAS, ONDE RECEBEMOS COLEGAS E TROCAMOS EXPERIÊNCIAS SOBRE A UNIVERSIDADE, OS CONVIDAMOS A ESCREVEREM AS CARTAS.

Locutora: PRA CONTAR SOBRE COMO SURTIU O PROJETO, A IMPORTÂNCIA DE LÉLIA PARA A SOCIEDADE E PROJEÇÕES DE UM FUTURO PARA A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CONVERSAMOS COM A PROFESSORA DIONE MOURA

Locutora: MULHER, NEGRA, JORNALISTA, ATUAL DIRETORA DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNB, DIONE FOI SÓCIA FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, A SBPJOR, SEUS ESTUDOS E PESQUISAS SÃO FOCADOS EM JORNALISMO E SOCIEDADE, JORNALISMO AMBIENTAL, CIENTÍFICO, RAÇA E GÊNERO.

Locutora: TODOS OS DIAS, ELA TRANSFORMA AS VIDAS DE JOVENS NEGRAS E NEGROS POR MEIO DA EDUCAÇÃO.

Locutora: PROFESSORA, COMO SE DEU SUA PRIMEIRA CONEXÃO COM LÉLIA?

DIONE

Locutora: O QUE A UNIVERSIDADE REPRESENTA NA SUA VIDA?

DIONE

Locutora: E SOBRE ANCESTRALIDADE?

DIONE

Locutora: DIONE, PRA VOCÊ, O QUE MUDOU EM RELAÇÃO A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NA UNIVERSIDADE, DO INÍCIO DA SUA JORNADA ACADÊMICA, PARA OS DIAS DE HOJE?

DIONE

Locutora: COMO SURGE O CARTAS?

DIONE

Locutora: O CARTAS NOS FAZ PERTENCENTES, NÉ DIONE, ELE NÃO SÓ APRESENTA POSSIBILIDADES DE FUTURO, ELE NOS FAZ ACREDITAR NESSAS POSSIBILIDADES, ACREDITAR E VISUALIZAR, NÉ.

Locutora: E QUAL É O FUTURO DESSE PROJETO?

DIONE

Locutora: DIONE, QUAIS SÃO AS AÇÕES NECESSÁRIAS PRA AUMENTAR O ACESSO DESSAS MULHERES A UNIVERSIDADE?

DIONE

Locutora: NOSSO AGRADECIMENTO À PROFESSORA DIONE MOURA, E É ASSIM, COM ESSAS PALAVRAS DE INCENTIVO, ESPERANÇA E FORÇA, QUE ENCERRAMOS ESSE PRIMEIRO EPISÓDIO DO CARTAS PARA O AMANHÃ - LÉLIA GONZALEZ, CONQUISTA, PERMANÊNCIA E ALÉM TEMPO.

Locutora: NO PRÓXIMO EPISÓDIO, VAMOS CONVERSAR COM O PROFESSOR EDUARDO MEDITSCH, HOMEM, BRANCO, GANHADOR DO PRÊMIO VLADIMIR HERZOG DE JORNALISMO E DIREITOS HUMANOS EM 1980.

Locutora: PARA SABER MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O PROJETO, ACESSO NOSSO INSTAGRAM: CARTAS PARA O AMANHÃ.

Locutora: NO SITE DO PROJETO ESTÁ O ACERVO DE LÉLIA, QUE MANTEMOS ATUALIZADO, E AS CARTAS JÁ ENVIADAS, O LINK PARA O SITE ESTÁ AQUI NA DESCRIÇÃO DO PODCAST.

Locutora: AXÉ E ATÉ LÁ!

Roteiro episódio 2: Entrevista com professor Eduardo Meditsch

Locutora: SAUDAÇÕES ÀS ÁGUAS, ORIGEM DE TODAS E TODOS NÓS, E A CADA UM QUE RECEBERÁ ESSAS CARTAS

Locutora: AQUI É LUANA GONÇALVES SILVEIRA E ESSE É O PODCAST CARTAS PARA O AMANHÃ - LÉLIA GONZALEZ, CONQUISTA, PERMANÊNCIA E ALÉM TEMPO, PARA ESCREVER O FUTURO E REMEMORAR O PASSADO.

Locutora: NESSE EPISÓDIO, CONVERSAMOS COM O PROFESSOR EDUARDO MEDITSCH. HOMEM BRANCO, JORNALISTA, QUE INICIOU SUA TRAJETÓRIA NO MUNDO ACADÊMICO EM 1975, QUANDO INGRESSOU NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PARA CURSAR JORNALISMO.

Locutora: DOUTOR EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E ATUAL PROFESSOR DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, MEDITSCH LECIONOU NO CURSO DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA ENTRE OS ANOS DE 2020 E 2022, QUANDO PÔDE VIVENCIAR O UNIVERSO DA UNB.

Locutora: DURANTE ESSE PERÍODO, O PROFESSOR FOI CONVIDADO A ESCREVER UMA CARTA, ÀS FUTURAS ALUNAS NEGRAS E INDÍGENAS DA UNB, CONTANDO SOBRE SUA VIDA E TRAJETÓRIA COMO HOMEM BRANCO, ACADÊMICO, SEUS CONHECIMENTOS SOBRE LÉLIA E SEUS DESEJOS E INSPIRAÇÕES PARA UM FUTURO MAIS JUSTO PARA ESSAS MULHERES.

TRECHO LÉLIA:

Locutora: “ENQUANTO A QUESTÃO NEGRA NÃO FOR ASSUMIDA PELA SOCIEDADE BRASILEIRA COMO UM TODO: NEGROS, BRANCOS E NÓS
Locutora: TODOS JUNTOS REFLETIRMOS, AVALIARMOS, DESENVOLVERMOS UMA PRÁXIS DE CONSCIENTIZAÇÃO DA QUESTÃO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NESTE PAÍS, VAI SER MUITO DIFÍCIL NO BRASIL, CHEGAR AO PONTO DE EFETIVAMENTE SER UMA DEMOCRACIA RACIAL.”

Locutora: ESSE TRECHO FOI RETIRADO DA ENTREVISTA QUE LÉLIA DEU PRA REVISTA SEAF EM 1985, E EXPLÍCITA QUE O COMBATE AO RACISMO DEVE PARTIR DE TODAS E TODOS, EM TODOS OS ÂMBITOS DA SOCIEDADE.

Locutora: COM ESSA REFLEXÃO, CONECTADA AO PENSAR DO NOSSO CONVIDADO DESSE EPISÓDIO, PROFESSOR EDUARDO MEDITSCH, PEDIMOS LICENÇA PARA LER UM TRECHO DA CARTA ENVIADA POR ELE AO CARTAS PARA O AMANHÃ:

Locutora: “QUERIDA ALUNA QUE CHEGA EM 2082,

Locutora: QUEM LHE ESCREVE DESDE 2022, É UM VELHO PROFESSOR, JÁ COM MAIS DE 60 ANOS DE IDADE. POR ISSO, COM UMA NOÇÃO DO QUE REPRESENTA ESTE TEMPO, QUE SEPARA A ESCRITA DESTA CARTA DA ESPERADA CHEGADA DE QUEM VAI LÊ-LA.

Locutora: É MUITO TEMPO, SEM DÚVIDA. É MAIS DO QUE A DURAÇÃO DE MUITAS VIDAS HUMANAS, É TEMPO BASTANTE PARA MUITA COISA MUDAR, MAS TAMBÉM MUITA COISA NÃO MUDA FACILMENTE EM TAL ESPAÇO DE TEMPO. FOI O QUE EU APRENDI EM MAIS DE SEIS DÉCADAS DE VIDA.

Locutora: FOI SÓ NAS ÚLTIMAS DÉCADAS, COM A ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS NEGROS E INDÍGENAS E SUAS CONQUISTAS, COM A LEITURA DE INTELECTUAIS COMO LÉLIA GONZALEZ, É QUE PUDE ME DAR CONTA DE QUE NÃO BASTAVA NÃO SER RACISTA E TOCAR A VIDA, QUE ERA NECESSÁRIO SER ANTIRRACISTA E ATUAR PARA MUDAR AS ESTRUTURAS QUE

REPRODUZEM A INJUSTIÇA HISTÓRICA CONTRA OS AFRODESCENDENTES E CONTRA OS POVOS ORIGINÁRIOS DO BRASIL, MAIOR AINDA CONTRA SUAS MULHERES.”

Locutora: A CARTA COMPLETA ESTÁ DISPONÍVEL, ASSIM COMO TANTAS OUTRAS, EM NOSSO SITE: CARTASPARAOAMANHA.WIXSITE.COM, O LINK TAMBÉM ESTÁ AQUI NA DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO.

Locutora: PRA CONTAR UM POUCO DA SUA HISTÓRIA, SEUS PASSOS, SUA CONEXÃO COM LÉLIA E COM O MUNDO ACADÊMICO, EXPERIÊNCIAS QUE VIVENCIAU NAS UNIVERSIDADES POR ONDE PASSOU AO LONGO DESSES QUASE 50 ANOS DE ATIVIDADE, CONVERSAMOS COM O PROFESSOR EDUARDO.

Locutora: OLÁ, PROFESSOR! SEJA MUITO BEM-VINDO AO PODCAST DO CARTAS. PRA COMEÇAR NOSSO BATE-PAPO, GOSTARÍAMOS DE SABER QUAL É A IMPORTÂNCIA DE UM PROJETO COMO ESSE, PRA VOCÊ?

EDUARDO

Locutora: É BOM OLHAR PARA O FUTURO COM DESEJO DE BONS VENTOS, NÉ PROFESSOR?

Locutora: CONSIDERANDO SEU TEMPO E EXPERIÊNCIA NO MUNDO ACADÊMICO, O QUE VOCÊ PERCEBE QUE MUDOU, DE QUANDO ENTROU NA GRADUAÇÃO PROS TEMPOS ATUAIS? EM RELAÇÃO A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NAS UNIVERSIDADES.

EDUARDO

Locutora: PROFESSOR, DE QUE FORMA VOCÊ ENTENDE SUA MENSAGEM PRA ESSAS MULHERES, PARTINDO DA SUA IDENTIFICAÇÃO DE UM HOMEM BRANCO?

EDUARDO

Locutora: VOCÊ PODE CONTAR UM POUCO PRA GENTE SOBRE SUA EXPERIÊNCIA PESSOAL, DE PERCEPÇÃO DO SEU LUGAR NO MUNDO, EM RELAÇÃO À EXPERIÊNCIA DESSAS MULHERES, QUE ESPERAMOS NA UNIVERSIDADE NESSES PRÓXIMOS ANOS.

EDUARDO

Locutora: COMO VOCÊ ENTENDE A PRÁTICA ANTIRRACISTA?

EDUARDO

Locutora: PROFESSOR, AGRADECEMOS SUA PARTICIPAÇÃO AQUI NO PODCAST DO CARTAS, PRA FINALIZAR, VOCÊ PODE DEIXAR UMA FRASE DE INCENTIVO PRA ESSA FUTURA GERAÇÃO DE MULHERES?

EDUARDO

Locutora: NESSE EPISÓDIO PUDEMOS OUVIR MELHOR COMO SE DÁ A PRÁTICA ANTIRRACISTA QUE PARTE, QUE TAMBÉM DEVE PARTIR, DAS PESSOAS BRANCAS, DE HOMENS BRANCOS.

Locutora: E ASSIM, ENCERRAMOS MAIS EPISÓDIO DO CARTAS PARA O AMANHÃ - LÉLIA GONZALEZ, CONQUISTA, PERMANÊNCIA E ALÉM TEMPO.

Locutora: EM NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO VAMOS CONVERSAR COM CATARINE TORRES, MULHER NEGRA, EX-ALUNA DA UNB, QUE PARTICIPOU DA CONSTRUÇÃO DO PROJETO CARTAS.

Locutora: PRA LER A CARTA COMPLETA DO PROFESSOR EDUARDO MEDITSCH, E TANTAS OUTRAS QUE RECEBEMOS, ACESSE NOSSO SITE. POR LÁ VOCÊ TAMBÉM PODE ENVIAR A SUA CARTA!

Locutora: CONTAMOS COM MAIS INFORMAÇÕES TAMBÉM EM NOSSO INSTAGRAM: CARTAS PARA O AMANHÃ. OS LINKS ESTÃO AQUI NA DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO. DESCUBRA LÉLIA, SUA VIVÊNCIA, ANSEIOS E DESEJOS DE UM FUTURO PARA AS MULHERES AMEFRICANAS. MUITO AXÉ E ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO!

Roteiro episódio 3: Entrevista com Catarine Torres

Locutora: SAUDAÇÕES ÀS ÁGUAS, ORIGEM DE TODAS E TODOS NÓS, E A CADA UM QUE RECEBERÁ ESSAS CARTAS

Locutora: AQUI É LUANA GONÇALVES SILVEIRA E ESSE É MAIS UM EPISÓDIO DO PODCAST CARTAS PARA O AMANHÃ - LÉLIA GONZALEZ, CONQUISTA, PERMANÊNCIA E ALÉM TEMPO, PARA ESCREVER O FUTURO E REMEMORAR O PASSADO.

Locutora: NESSE EPISÓDIO, CONVERSAMOS COM CATARINE TORRES, EX ALUNA DA FACULDADE DE COMUNICAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, CATARINE FAZ PARTE DA CONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO PROJETO CARTAS PARA O AMANHÃ.

Locutora: COMO JOVEM, MULHER NEGRA, QUE CONQUISTOU SEU LUGAR NA UNIVERSIDADE, NESSE EPISÓDIO, CATARINE NOS CONTA SOBRE SUAS VIVÊNCIAS E DESEJOS PARA O FUTURO DAS MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NO MUNDO ACADÊMICO.

TRECHO LÉLIA:

Locutora: “COMO SABEMOS, NAS SOCIEDADES AFRICANAS, EM SUA MAIORIA, DESDE A ANTIGUIDADE ATÉ A CHEGADA DOS ISLAMES E DOS EUROPEUS

JUDAICO-CRISTÃOS, O LUGAR DA MULHER NÃO ERA DE SUBORDINAÇÃO, DE DISCRIMINAÇÃO.

Locutora: DO EGITO ANTIGO AOS REINOS DOS ASHANTI OU DOS YORUBÁ, AS MULHERES DESEMPENHARAM PAPÉIS SOCIAIS TÃO IMPORTANTES QUANTO OS HOMENS.”

Locutora: ESSE TRECHO DE LÉLIA, FOI RETIRADO DO ARTIGO “A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO DA MULHER NEGRA NO PROCESSO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL”, PUBLICADO NO JORNAL RAÇA E CLASSE EM 1988, E NOS ALERTA SOBRE O PAPEL MILENAR DAS MULHERES NAS SOCIEDADES AFRICANAS, ONDE, EM MUITAS, A MULHER CUMPRE PAPEL SOCIAL RELEVANTE, SEM SER INFERIORIZADA.

Locutora: PENSANDO NISSO, TRAZEMOS UM TRECHO DA CARTA DE CATARINE, ENVIADA AO PROJETO, PARA ESSAS MULHERES QUE AINDA NÃO ESTÃO NAS UNIVERSIDADES, MAS QUE, EM UM FUTURO PRÓXIMO, NÓS AS AGUARDAMOS:

"QUERIDA ALUNA,

Locutora: ESCREVO DE 2021 PARA CONTAR UMA HISTÓRIA:

Locutora: A PRIMEIRA VEZ QUE TIVE CONTATO COM A LÉLIA GONZALEZ FOI DENTRO DA UNIVERSIDADE [...] ESTAVA A UM PASSO DE DESISTIR DO CURSO QUANDO NA BIBLIOGRAFIA DE UMA MATÉRIA ENCONTREI: *RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA* (TALVEZ ESSA TENHA SIDO A MINHA “CARTA PARA O AMANHÃ”).

Locutora: SENTI COMO SE ALGUÉM SEGURASSE A MINHA MÃO. POIS FOI SOMENTE AÍ QUE ME TOQUEI QUE MUITO DO QUE EU SENTIA EM RELAÇÃO À UNIVERSIDADE, OUTRAS MULHERES NEGRAS COMO EU TAMBÉM SENTIRAM/SENTEM/SENTIRIAM...”

Locutora: O QUE EU QUERO DIZER É: VOCÊ NÃO ESTÁ SOZINHA.

Locutora: EU NÃO SEI EM QUE PÉ DE AUTO DESCOBERTA VOCÊ ESTÁ, MAS SEI QUE MESMO DIAS DIFÍCEIS DEMAIS FAZEM COM QUE NOS ESQUEÇAMOS DISSO, MESMO PRA QUEM ESTÁ AVANÇADA NOS PROCESSOS.

Locutora: ME ENCONTRO EXTREMAMENTE FELIZ POR PODER TE TRAZER UM RECADO DO PASSADO E DE ALGUMA FORMA TAMBÉM SEGURAR SUA MÃO PORQUE, MESMO QUE AINDA NEM TENHA NASCIDO, HOJE VOCÊ SEGUROU A MINHA MÃO.

Locutora: ESCREVER PARA O FUTURO É UMA DAS FORMAS MAIS CONVICTAS DE ACREDITAR NELE E, POSSO ASSEGURAR, ATUALMENTE ESSE NÃO É UM EXERCÍCIO FÁCIL. MAS SE ESCREVO É PORQUE EM ALGUM LUGAR TENHO ESPERANÇA, UMA ESPERANÇA QUE ME ANIMA E ME FORTALECE AO VISLUMBRAR UM FUTURO CHEIO DE NÓS, POR AÍ, DENTRO DAS UNIVERSIDADES, COM VOZ ATIVA, EXERCENDO SEU DIREITO DE SIMPLEMENTE ESTAR.

Locutora: A MINHA ESPERANÇA QUE NÃO VEM DO NADA, VEM DE TANTAS OUTRAS QUE, ANOS ATRÁS, TAMBÉM TIVERAM EM MIM (EM NÓS) E, TALVEZ, SÓ POR CAUSA DELAS. TENHO ESPERANÇA PORQUE ACREDITO EM MIM E EM TODAS NÓS.”

Locutora: A CARTA COMPLETA DA CATARINE ESTÁ DISPONÍVEL, ASSIM COMO TANTAS OUTRAS QUE RECEBEMOS, NO NOSSO SITE: CARTASPARAOAMANHA.WIXSITE.COM, O LINK TAMBÉM ESTÁ AQUI NA DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO.

Locutora: AGORA, DAMOS AS BOAS-VINDAS À CATARINE, QUE TOPOU COMPARTILHAR SUAS EXPERIÊNCIAS AQUI EM NOSSO PODCAST:

Locutora: PRA COMEÇAR NOSSA CONVERSA, QUEREMOS SABER: PRA VOCÊ, QUAL É A IMPORTÂNCIA DE UM PROJETO COMO O CARTAS PARA O AMANHÃ, INSPIRADO EM LELIA GONZALEZ?

CATARINE

Locutora: LINDAS PALAVRAS, CATARINE, SUA REFLEXÃO ME ATINGIU E ME FEZ RECORDAR SOBRE COMO O MOMENTO EM QUE CONHECI LÉLIA, E A PROFESSORA DIONE, FORAM IMPORTANTES PRA MIM. MUITAS VEZES, ESTAMOS TÃO PREOCUPADAS COM A CONQUISTA, COM O CONSEGUIR PASSAR NO VESTIBULAR, ENTRAR NA UNIVERSIDADE, QUE NÃO PENSAMOS EM COMO SERÁ ESSA PERMANÊNCIA.

Locutora: E ESSAS MULHERES, COM CERTEZA FORAM PARTE FUNDAMENTAL DE NOS MANTERMOS NA UNIVERSIDADE, DE BUSCARMOS NOSSA FORÇA, NOSSOS DIREITOS, PRA SEGUIR ADIANTE.

Locutora: PODE CONTAR PRA GENTE SOBRE O QUE SIGNIFICA A SUA ANCESTRALIDADE EM SUA JORNADA ACADÊMICA?

CATARINE

Locutora: COMO A UNIVERSIDADE TRANSFORMOU A SUA VIDA?

CATARINE

Locutora: NOSSA PRESENÇA NA UNIVERSIDADE É TRANSFORMADORA, NÉ, NÃO SÓ PRA NÓS, MAS PARA TODOS AO NOSSO REDOR, PRA NOSSA ANCESTRALIDADE E PARA AS QUE VIRÃO DEPOIS DE NÓS.

Locutora: CATARINE, DE QUE FORMA VOCÊ PERCEBEU A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS E INDÍGENAS NA ACADEMIA?

CATARINE

Locutora: COMO MULHER NEGRA E ACADÊMICA, PRA VOCÊ, O QUE AINDA FALTA PARA QUE O NÚMERO DESSAS MULHERES CONTINUE CRESCENDO NAS UNIVERSIDADES?

CATARINE

Locutora: NÓS AGRADECEMOS A PRESENÇA DE CATARINE TORRES AQUI NO CARTAS PARA O AMANHÃ, QUE AS REFLEXÕES QUE ELA TROUXE POSSAM REVERBERAR PARA CONSTRUIRMOS ESSE FUTURO JUNTAS, PARA FIRMARMOS NOSSO LUGAR NESSE ESPAÇO.

Locutora: ASSIM, ENCERRAMOS MAIS UM EPISÓDIO. EM NOSSO PRÓXIMO ENCONTRO TRAREI UM TRECHO, DA MINHA CARTA PARA ESSE PROJETO QUE TEM TRANSFORMADO VIDAS, UM POUCO DA MINHA TRAJETÓRIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, E DEPOIMENTOS DE OUTROS COLEGAS QUE ESTÃO DESENVOLVENDO O CARTAS PARA O AMANHÃ.

Locutora: PRA LER A CARTA COMPLETA DA CATARINE, ACESSE NOSSO SITE, POR LÁ, VOCÊ TAMBÉM PODE ENVIAR SUA CARTA PARA O AMANHÃ!

Locutora: CONTAMOS COM MAIS INFORMAÇÕES TAMBÉM EM NOSSO INSTAGRAM, OS LINKS ESTÃO AQUI NA DESCRIÇÃO DO EPISÓDIO.

Locutora: POR AQUI, CONTAMOS COM LÉLIA, SUA VIVÊNCIA, ANSEIOS E DESEJOS DE UM FUTURO PARA AS MULHERES AMERICANAS, SUA INFLUÊNCIA NOS INSPIRA E FORTIFICA.

Locutora: MUITO AXÉ E ATÉ O PRÓXIMO EPISÓDIO!

REFERÊNCIAS

ABUD, Marcelo. Tendências do Podcast no Brasil: Formatos e Demandas . Faap, 2019. Disponível em: https://www.faap.br/nimd/pdf/2019-08_podcast_REV.pdf . Acesso em: (data).

Arquivo Central - UnB. Discurso Darcy Honoris Causa. YouTube, 26 de ago. de 2022. 9 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uTyq7k6TXnl> Acesso em: 11 de set. 2024

BAIROS, Luiza. Orfeu e Poder: uma perspectiva afro-americana sobre a política racial no Brasil. Afro-Ásia, Salvador, n. 17, 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20863>

BONTEMPO, Renato. Novos Dados Revelam Tendências Globais de Ouvintes de Podcast em 2024: Brasil Destaca-se na América Latina. Cast News, 7 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.castnews.com.br/novos-dados-revelam-tendencias-globais-de-ouvintes-de-podcast-em-2024-brasil-destaca-se-na-america-latina/>. Acesso em 11 de set. de 2024.

Canal Saúde Oficial. Amefricanidade – Documentários. YouTube, 27 de junho de 2020. 25:48 minutos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s-U2xNwkd_w&ab_channel=CanalSa%C3%BAdeOficial Acesso em 11 de set. 2024

CARDOSO, Cláudia. Amefricanizando o feminismo: o pensamento de Lélia Gonzalez. Debate Colonialidade do Gênero e Feminismos Descoloniais • Rev. Estud. Fem. 22 (3) • Dez 2014

CASTRO, Amanda Motta. MOREIRA, Raylene Barbosa. Entrevista: Lélia Gonzalez - Intérprete do Brasil. Por seu filho Rubens Rufino, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/b3kjMHzy6s5kckr7T4vH8Qn/?!lang=pt#>. Acesso em 11 de set. 2024

CULTNE. CULTNE - Lélia Gonzalez - Pt 1. YouTube, 9 de nov. de 2010. 10:15 minutos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o9vOVjNDZA8&t=257s>. Acesso em: 11 set. 2024.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe, 1981.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador. EDUFBA, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*, nº 92/93, 1988, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. De Palmares às escolas de samba, estamos aí. *Mulherio*, São Paulo, ano II, n. 5, jan/fev., 1982. p. 3. Disponível em: www.fcc.org.br Acesso: 11 set. de 2024.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para as rosas negras*. Rio de Janeiro: UCPA Editora, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, p. 223 a 244, 1984.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Editora Apicuri, 2016.

HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Editora Vozes, 2014.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 464, jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *População: Domicílios com acesso à internet, 2021*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama> Acesso em: 28 de agosto de 2023.

LUIZ, Lucio. ASSIS, Pablo de. *O Podcast no Brasil e no Mundo: um caminho para a distribuição de mídias digitais*. Intercom, Caxias do Sul, RS, set. de 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-0302-1.pdf>. Acesso em 11 de set. 2024.

MERCIER, Daniela. Lélia Gonzalez, onipresente, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em 11 de set. de 2024.

MOURA, Adelina Maria Carreiro. CARVALHO, Amélia Amorim. Podcast: uma ferramenta para usar dentro e fora da sala de aula, 2006. Disponível em: https://www.inf.ufpr.br/alex/d/ARTIGOS_MOBILIDADE/Moura_Carvalho_2006_resumido.pdf. Acesso em 11 de set. de 2024.

MOURA, Dione O.; ALMEIDA, Tânia de. Ancestralidade, interseccionalidade, feminismo afrolatinoamericano e outras memórias sobre Lélia Gonzalez. Arquivos Do CMD, 7(2), 27-45. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/CMD/article/view/31148>.

MOURA, Dione. Nós, mulheres negras amefricanas: o 8 de março e o legado de Lélia Gonzalez. *Correio Braziliense*, 11 mar. 2024. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/opinia0/2024/03/6816370-nos-mulheres-negras-amefricanas-o-8-de-marco-e-o-legado-de-lelia-gonzalez.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

MOURA, Dione Oliveira; SANTOS, Deborah Silva (organizadoras). *Vá no seu tempo e vá até o final: mulheres negras cotistas no marco dos 60 anos da UnB*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2022.

NIEDERAUER, Mariana. Dione Moura: a professora que transformou a vida de jovens negros no país. *Correio Braziliense*, 12 nov. 2023. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/trabalho-e-formacao/2023/11/6653162-dione-moura-a-professora-que-transformou-a-vida-de-jovens-negros-no-pais.html>. Acesso em: 11 set. 2024.

OCUPAÇÃO CONCEIÇÃO EVARISTO. São Paulo: Itaú Cultural, 2017.

OLIVEIRA, Alecsandra Matias de. Lélia, a amefricana. E, ainda, por falar em Dia Internacional da Mulher Negra, Latino-Americana e Caribenha. *Jornal da USP*, 25 jul. 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/articulistas/alecsandra-matias-de->

oliveira/lelia-a-amefricana-e-ainda-por-falar-em-dia-internacional-da-mulher-negra-latino-americana-e-caribenha/. Acesso em: 11 set. 2024.

PILAR, Vitória. Carta de esperança. Piauí, 27 abr. 2023. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/carta-de-esperanca/>. Acesso em: 11 set. 2024.

PODCAST E A CRESCENTE PRESENÇA ENTRE OS BRASILEIROS. Gente.Globo, 2021. Disponível em: <https://gente.globo.com/pesquisa-infografico-podcasts-e-a-crecente-presenca-entre-os-brasileiros/>. Acesso em: 28 de agosto de 2023.

PRODANOV, Cleber C. de; FREITAS, Eliana S. de. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2013.

RAMPAZZO, Lino. O conhecimento. In: Metodologia científica. Para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

RATTS, Alex & RIOS, Flávia. Lélia Gonzalez. São Paulo: Selo Negro, 2010.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno manual antirracista. Editora Companhia das Letras, 2019.

RIOS, Flavia. Lélia Gonzalez, 2021. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/lelia-gonzalez/>. Acesso em 11 de set 2024.

RIOS, Flavia; LIMA, Marcia (Orgs.). Por um feminismo afro-latino-americano - Lélia Gonzalez. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2020.

ROVAROTO, Isabela. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. Exame, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em: 11 set. 2024.

SANTOS, Elen Cristina Ramos dos. Lélia Gonzalez: (re)existência política, afetiva e epistemológica na universidade. 2020. 105 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sociologia)—Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

SANTOS, L. D. . Por um feminismo plural: escritos de Lélia Gonzalez no jornal Mulherio. *Gênero na Amazônia* , v. 1, p. 225-237, 2014.

SANTOS, Neusa. Tornar-se negro. Editora Zahar, 2021.

SELLTIZ, Claire. Métodos de pesquisa nas relações sociais. São Paulo: Herder, EDUSP, 1967.

TANUS, Gustavo; RODRIGUES, Thamyris. Cartas Negras: notícias da escrivência, projetos de vida, projetos literários. *Literafro*, 29 nov. 2017. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ensaio/945-cartas-negras-noticias-da-escrivencia-projetos-de-vida-projetos-literarios-gustavo-tanus-e-thamyris-rodrigues> Acesso em: 11 set. 2024.

TILIA, Caroline de. 5 tendências para podcasts no Brasil, segundo o Spotify. Forbes, 2023. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2023/10/as-5-tendencias-mais-recentes-para-podcasts-no-brasil/>. Acesso em 11 de set. de 2024.

TOLENTINO, Luana. Por um feminismo plural: o ativismo de Lélia Gonzalez no Jornal Mulherio. Geledés, 17 jul. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/por-um-feminismo-plural-o-ativismo-de-lelia-gonzalez-no-jornal-mulherio/>. Acesso em: 11 set. 2024.